

Carlos Dinis Gonçalves

Nº 6 Processo nº 21409

Efa s13

Formadores

Paula Figueira / Nuno Vidal

Texto autobiográfico

Decorria o ano de 1974 quando conclui a instrução primária. Dada a turbulência existente na época, onde se dizia que era obrigatório frequentar o ciclo preparatório mas na prática, ninguém era obrigado a nada, frequentava as aulas quem queria e quem não queria não frequentava, as brincadeiras sobrepunham-se a tudo, ao fim de alguns meses os meus pais chegaram à conclusão que o que eu andava a fazer na escola não era nada e então... nada melhor que ir trabalhar para saber o que custa a vida. Foi então que comecei a trabalhar na exploração de madeiras com o meu pai e os meus irmãos.

Em 1981, estava eu com 18 anos de idade, farto de trabalhar e não ver grande rendimento, achando que podia ser um empresário bem sucedido. Resolvi fazer uma sociedade com um irmão meu. Tinha por objectivo ser empresário e ganhar dinheiro. A sociedade consistia na exploração de madeiras nas matas. Tentamos planear para que tudo desse certo. Os equipamentos como: motosserra, tractor e machados, o meu pai emprestava; juntámos as reservas monetárias dos dois, mais um carro que o meu irmão tinha e!... Lá vamos nós.

Contactamos uma Empresa do ramo, que nos concedeu a exploração de um lote de madeira com cerca de vinte mil árvores (pinheiros bravos e pinheiros silvestres). O dito lote, ficava no concelho de Montalegre, a cerca de cem quilómetros da minha terra. Contratamos duas pessoas para irem trabalhar connosco. Do contrato fazia parte o vencimento diário, dormida, alimentação e transportes aos fins-de-semana de e para a minha terra.

As nossas tarefas consistiam em cortar as árvores pelo pé, cortar os ramos, traçar os troncos em medidas de dois metros, juntar para carregar no tractor até ao estaleiro, onde depois carregávamos em camiões.

De início, fomos para uma casa de comidas e dormidas, onde tomávamos as refeições todas certinhas e tínhamos a cama feita todos os dias. Ao fim de pouco tempo, não tínhamos dinheiro para pagar as referidas despesas. Fomos então para uma casa particular, onde fazíamos as refeições e dormíamos.

A empresa proprietária do lote, só pagava ao fim de noventa dias, após a entrada da madeira nas suas instalações.

Para piorar ainda mais... o meu irmão ficou doente com a hepatite B, o que o obrigou a ficar desde Junho até Outubro de cama e isolado porque o médico defendia que a doença podia ser transmissível. Esta situação obrigou-me a resolver todos os problemas relacionados com a exploração do lote, desde ir às compras de combustíveis para o tractor e motosserras, comprar peças para as referidas máquinas, levá-las às oficinas quando precisavam de consertos, contactar com os proprietários de camiões, para fazerem o transporte da madeira, negociar o preço por carga, (se o transporte era pago ao quilómetro, à tonelada ou ao estere), fazer as compras para as refeições do dia-a-dia, comprar roupas de cama, arranjar dinheiro para pagar os ordenados aos empregados e as viagens aos fins-de-semana.

Em finais de Setembro de 1981, estava concluída a exploração do dito lote, ao fim de nove meses. Embora já existissem mais alguns negócios em expectativa, optei por abandonar, dado que o meu irmão continuava incapaz, a sociedade não correu como estava previsto, as dívidas acumularam-se e a ilusão de ser empresário bem sucedido ficou pelo caminho.

Resolvi então trabalhar por conta de outrem, pagar as dívidas e levar uma vida mais calma. Foi então que no dia 17 de Outubro de 1981, apanhei o autocarro com direcção a Lisboa e cá permaneço até aos dias de hoje.

Devido ao baixo nível escolar que tinha adquirido, só consegui arranjar emprego de servente na construção civil, onde os ordenados eram muito baixos e o esforço físico era tremendo. Como tinha dívidas para pagar, obrigava-me a fazer doze horas de serviço por dia e a trabalhar aos fins-de-semana para ganhar mais uns extras e assim conseguir levar uma vida mais desafogada.